

CLARA SCHUMANN

ELIANA MONTEIRO DA SILVA

CLARA SCHUMANN
COMPOSITORA X MULHER DE COMPOSITOR



© *Eliana Monteiro da Silva*

Projeto gráfico: *Alonso Alvarez*

Revisão: *Silvana Seffrin*

As fotos que ilustram estas páginas foram gentilmente cedidas pela Robert-Schumann-Haus Zwickau, através de Mrs. Dr. Hrosvith Dahmen.

Ilustrações: *Maracy Sampaio*

Edição de partituras: *André de Cillo Rodrigues*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

(Elaboração Aglaé de Lima Fierli CRB-9 n° 412)

S579c Monteiro da Silva, Eliana
Clara Schumann: compositora X mulher de compositor / Eliana Monteiro da Silva. — 1ª ed. São Paulo: Ficções Editora, 2011.
112p. : il ; 16 x 23 cm.

ISBN: 978-85-62226-08-3

1. Schumann, Clara, 1819-1896. 2. Schumann, Clara — Biografia. 3. Compositores — Alemanha. 4. Compositores. 5. Pianistas. 6. Música para piano. I. Título.

CDD - 927.862

INDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Schumann, Clara : Biografia : Música	927.862
Compositores : Música : Piano	786.2
Música para Piano : Compositores : Alemanha	927.8043
Biografia : Pianistas : Música	786.2092

2011

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA LTDA.

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3881-4094

www.ficcoes.com.br | editora@ficcoes.com.br

*À minha mãe, que com seu exemplo de vida me ensinou
a reconhecer e admirar uma mulher forte.
Às minhas filhas, para que nunca desanimem
na busca de seus ideais.
Ao meu marido, por tudo.*

AGRADECIMENTOS

*À minha querida professora Heloísa Fortes Zani,
por toda a ajuda e o apoio desde a ideia inicial deste trabalho.
Ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Amílcar Zani Netto, pela atenção,
colaboração e supervisão cuidadosa em todas as etapas desta pesquisa.
Aos amigos Ana Magalhães, Fernando Gonzalez, Imyra Santana, Leila Zidan,
Velia Balzi, Márcia Sznelwar, Marcos Câmara, Maria Helena Del Pozzo, Maria Teresa
Russo, Maurício De Bôn timer, Nilcéia Baroncelli, Luiz C. Passos e Zelito Sampaio, que me
ajudaram a obter muitas das partituras e livros necessários a este trabalho.
(Peço desculpas por eventuais esquecimentos.)*

“Esta é uma obra de ficção...”

São Paulo, 10 de março de 2006.

Exmo. Sr. Juiz do Comitê Internacional da Música

Venho, por meio desta, encaminhar o pedido de abertura de processo da reclamante Clara Schumann, mulher, viúva, mãe de oito filhos do finado compositor Robert Schumann, nascida em Leipzig no dia 13 de setembro de 1819 e morta na noite de 20 para 21 de maio de 1896.

Clara Schumann vem, através de procuração dada à minha pessoa, Eliana Maria de Almeida Monteiro da Silva, reclamar seus direitos de compositora, reconhecida publicamente através de depoimentos deixados por autoridades do mundo musical, tais como Felix Mendelssohn Bartholdy, Johannes Brahms e Charles Rosen, entre outros.

A reclamante em questão se diz injustiçada pelo fato de ter sido, após sua morte e durante mais de um século, reduzida à mera figura de esposa de compositor, personagem de romance e protagonista da tragédia que foi sua própria vida.

Nem sequer sua fama de *virtuose* permaneceu... Esqueceram-se da maior pianista do século XIX, da única mulher que teve a honra de ser comparada a Franz Liszt no cenário europeu!

Assim, Exmo. Juiz, peço permissão para abrir este processo de avaliação e valorização da obra da compositora Clara Wieck-Schumann, por meio de investigação, catalogação e análise detalhada de suas peças, numa tentativa de divulgar sua música e recolocá-la no lugar que ela merece, ou seja, entre as obras dos compositores românticos que figuram nos programas de concerto e nas prateleiras de gravações.

Sem mais, subscrevo-me.

Eliana Monteiro da Silva

...baseada em fatos e documentos reais.”

Sumário

Petição inicial	17
Das provas factuais	21
A menina Clara Josephine Wieck	23
De criança-prodígio à <i>virtuose</i> Clara Wieck	25
O Romeu de Julieta	28
A disputa por Clara	30
A vida de Clara Schumann	32
Dresden	34
A hora da estrela	37
Os “jovens demônios” Brahms e Joachim	39
De volta a Düsseldorf: agonia e morte de um amor sem limites	43
Clara sem Schumann	47
Os filhos de Clara e Robert Schumann	51
Outros fatores relevantes: a postura de Clara Schumann em relação à interpretação musical	51
Das provas documentais	57
Relação das obras da compositora Clara Schumann em ordem cronológica	61
Relação das obras	62
Breve histórico comentado das composições de Clara Schumann	66
Análise dissertativa das <i>Variationen für das Pianoforte über ein Thema von Robert Schumann</i> Op. 20, de Clara Schumann	79
Tema de Robert Schumann integrante das <i>Bunte Blätter</i> Op. 99 do compositor	80
Introdução	80
Análise descritiva	80
Conclusão	83
Variações de Clara Schumann	85
Introdução	85
Análise descritiva	87
Conclusão	91
Da sentença	95
Razões Finais	97
Notas	99
Referências	105
Livros	105
Partituras	107
Sobre a autora	109



Andreas Staub, Clara Wieck, Wien 1838
Robert-Schumann-Haus Zwickau; Archiv-Nr.: 10054-B2

Petição inicial

Não sei quando descobri Clara Schumann. Penso que o contato que tive com grandes mulheres, no decorrer de minha trajetória, levou-me a conhecê-la como personagem. E a escassez de material informativo a respeito da contribuição que tantas delas prestaram à música erudita levou-me a procurá-la e a buscar indícios de sua passagem em sua obra.

Clara Schumann foi compositora, concertista, esposa e mãe de oito filhos do compositor Robert Schumann. Teve, em vida, êxito e fama internacionais, além de suas composições editadas, apreciadas e apresentadas por diversos músicos da Europa. Sua atuação como intérprete – Clara era considerada a maior pianista de sua época – lhe possibilitou ganhar dinheiro suficiente para manter-se, e aos filhos, depois da internação e da morte de Schumann, em 1856. Mas para ter seu nome sempre entre os maiores virtuosos do mundo ocidental, Clara Schumann abdicou de sua carreira como compositora e assumiu uma verdadeira maratona de turnês de concertos que ela só encerrou aos 72 anos.

A história de amor de Clara e Robert assemelha-se à tragédia shakesperiana de Romeu e Julieta, pela proibição imposta pelo pai de Clara, Friedrich Wieck. Não obstante, os dois namorados uniram-se pelo casamento, após vencerem uma batalha judicial contra Wieck que durou mais de um ano. Por tudo isto, Clara Schumann tornou-se conhecida do público atual através das biografias de seu marido Robert Schumann, ou seja, como mulher de compositor.

Neste livro procurei resgatar a figura da pianista e compositora Clara Schumann, para que se torne conhecido um outro lado da mulher forte

e corajosa que lutou para ter a seu lado o homem que amava: o da profissional competente e criativa. Um breve histórico de suas composições e a análise de uma de suas últimas peças atestam o alto nível de sua obra.

As fotos que ilustram estas páginas foram gentilmente cedidas pela Robert-Schumann-Haus Zwickau, através de Mrs. Dr. Hrosvith Dahmen.



Ensaio sobre Leipzig. Desenho a lápis. 2010.

Das provas factuais

A menina Clara Josephine Wieck

Nasci em Leipzig, no dia 13 de setembro de 1819, na casa marcada com o Grande Lírio, praça do Novo Mercado (Zur hohen Lilie am Neumarkt), onde meus pais se instalaram, na Páscoa de 1818, e eu recebi o nome de Clara Josephine. Meus padrinhos foram um escrivão chamado Streubel, amigo de meu pai, Mme. Reichel, amiga de minha mãe, e Frau Tromlitz, de Plauen, mãe de minha mãe. Meu pai tinha uma biblioteca musical que emprestava livros, conjugada a uma pequena loja de pianos. Meu pai e minha mãe estavam sempre ocupados com o ensino dos alunos e, além disso, minha mãe se exercitava uma ou duas horas por dia. Assim, eu ficava quase sempre aos cuidados da servente, Johanna Strobel. Ela falava com dificuldade, e deve ser por causa disso que eu não pronunciei uma só palavra antes dos 4 anos e meio – nem compreendi o pouco que dizia. Mas fui habituada desde sempre a escutar soar o piano, e meu ouvido tornou-se mais sensível aos sons musicais que aos das palavras.¹

Assim se inicia o diário de Clara Josephine Wieck, em 7 de maio de 1827, pela caligrafia de seu pai, Friedrich Wieck. Clara contava, então, com 7 anos e meio. De família luterana e natural da Saxônia, a pequena Clara foi criada tendo a música como alimento do corpo e da alma, companheira fiel de sua jornada e tábua de salvação nos momentos difíceis. Não por acaso, já que a música era, ao lado da cerveja, do vinho do Reno, do café e dos bolinhos, a distração preferida dos habitantes daquela região na primeira metade do século XIX.

Leipzig – sua cidade natal – guardava para si o mérito de ter tido ninguém menos que Johann Sebastian Bach como diretor musical por mais de um quarto de século, entre 1723 até sua morte, em 1750. Este fato contribuiu para transformar a cidade em capital artística e intelectual do reino saxão.²

Na casa marcada com o Grande Lírio, Friedrich Wieck (pai de Clara Josephine) fabricava instrumentos, recebia músicos, alugava pianos e partituras e organizava concertos. Mas, principalmente, Wieck era conhecido como um grande professor de piano e de música. E foi devido a esta reputação que a mãe de Clara, Marianne Tromlitz, o conheceu anos atrás.

Descendente de uma renomada família de músicos, a talentosa cantora Marianne chegou à casa do Grande Lírio à procura de um bom professor, em 1815. Wieck logo reconheceu no talento da jovem a possibilidade de fazer crescer sua fama como pedagogo. O casamento selou a união entre professor e aluna, no ano seguinte. Em pouco tempo Marianne apresentava-se em recitais e auxiliava Wieck nas aulas, e com isso o estabelecimento de ensino foi se tornando mais e mais uma referência musical na cidade.

Marianne deu à luz cinco filhos de Wieck, dos quais a primeira morreu antes de Clara nascer. Em seguida vieram Clara Josephine, Alwin, Gustav e Victor. Infelizmente a música não foi suficiente para manter a harmonia no lar dos Wieck e, após muitas brigas, Marianne abandonou o domicílio conjugal, em maio de 1824. Clara Josephine tinha, então, quase 5 anos.³

No princípio Marianne Tromlitz partiu para a casa de seu pai, em Plauen, levando consigo Clara Josephine e Victor, que tinha 3 meses. Alwin e Gustav ficaram com Friedrich, em Leipzig. A lei da Saxônia, porém, determinou que os três filhos mais velhos ficassem sob a custódia do pai, o que incluía a pequena Clara. O divórcio foi decretado em janeiro de 1825 e, dentro de poucos meses, Wieck recebeu o golpe fatal: Marianne casa-se com seu colega Adolph Bargiel.

Abatido pela separação e pelo novo casamento de Marianne, Wieck mergulhou no trabalho e fez da educação dos filhos seu objetivo de vida. Os dois meninos mais novos, Alwin e Gustav, logo se mostraram pouco à vontade no terreno das notas e das partituras. Clara, no entanto, despontou aos olhos do pai como uma verdadeira pérola, um diamante bruto, sobre o qual Wieck depositou suas esperanças e dirigiu suas atenções.

A partir daí começou a carreira musical de Clara Wieck. E quando Friedrich resolveu se casar novamente, após quatro anos, Clementine Fechner se deparou com uma adversária – de 9 anos – à altura de seus 23.

De criança-prodígio à *virtuose* Clara Wieck

A nova esposa de Wieck logo teve a chance de perceber que todas as atenções de seu marido se dirigiam, em primeiro lugar, à sua pequena *Clärchen* – como ele a chamava. Principalmente após o primeiro concerto solo da menina, na Gewandhaus de Leipzig, em 8 de novembro de 1830. Clara já havia se apresentado algumas vezes, tocando a quatro mãos com o pai ou com alguma de suas alunas, bem como acompanhando cantores ou tocando algumas peças solo. Mas foi o sucesso de seu recital solo na Gewandhaus que encorajou seu pai a deixar a mulher grávida, os outros dois filhos e os alunos, e partir em turnê com sua pequena estrela rumo a Paris. A capital francesa era o centro do mundo musical naquele momento, e as ambições de Wieck não se aplacariam enquanto Clara não conquistasse o público parisiense.

Assim iniciou-se a turnê, em fins de setembro de 1831, passando por Kassel e Frankfurt, por Darmstadt e Mainz, por Weimar e Viena, até atingir Paris. Na bagagem, composições de Kalkbrenner, Herz, Czerny e suas próprias. Conforme era habitual, a concertista também compunha peças, nas quais explorava e tirava proveito das passagens técnicas que mais dominava. Para o recital da Gewandhaus, por exemplo, Clara havia composto as *Variationen über ein Original-Thema* e, no ano seguinte, seu pai providenciou a publicação de suas *Quatre Polonaises pour le Piano* Op. 1, pela Hofmeister de Leipzig.⁴

Em Weimar, Clara teve a honra de tocar para o grande poeta Wolfgang von Goethe, de quem recebeu uma medalha autografada “Para a talentosa artista Clara Wieck”. No diário da filha, Wieck anotou que Goethe admirou-se do virtuosismo da menina, dizendo que Clara tocava com a energia de seis garotos.

Até chegar a Paris, Clara estudou francês, piano e composição. Também caminhava diariamente, rotina que seu pai não dispensava por acreditar que fortalecia os músculos e os nervos. E a pequena *virtuose*, com apenas 12 anos, comportava-se como adulta.

Paris, porém, não foi uma boa experiência para Wieck, que mal se fazia entender e não se acostumava aos modos e gostos locais. Por este, e por tantos outros esforços que fez para estabelecer o nome de Clara no meio musical europeu, ele se autoproclamou dono e senhor não só das glórias conquistadas pela filha mas, principalmente, dos seus ganhos financeiros. Clara conseguiu fazer alguns bons contatos na capital francesa, mas nenhum recital importante foi programado. Para ela, o mais importante foi conhecer músicas e maneiras completamente diferentes das suas. Pai e filha retornaram a Leipzig em maio de 1832.

Ao atingir os 15 anos, a adolescente Clara Wieck já possuía um nome que atraía público e dinheiro. Isto lhe garantia status, oportunidade de se apresentar ao lado de grandes músicos e facilidade de transporte. Era assediada por ricos e nobres, e começava a não aceitar passivamente tudo o que o pai escolhia para ela, principalmente no que se referia às suas relações e sentimentos pessoais.

Um jovem músico passa a exercer forte influência em sua maneira de agir, pensar e até compor. Apesar de ser seu aluno e de reconhecer nele grande talento e valor, Wieck desconfia desta amizade e tenta fazer com que Clara não desvie sua atenção da carreira que ele tanto se esforçou para construir. Este jovem era Robert Schumann.



Josef Kriehuber, Robert Schumann
Robert-Schumann-Haus Zwickau; Archiv-Nr.: 1996.65-B2

O Romeu de Julieta

A mesma reputação que trouxe Marianne Tromlitz para a vida de Friedrich Wieck, em 1815, atraiu para dentro de sua casa aquele que haveria de lhe roubar a menina dos olhos, sua filha Clara. Em 1830, vindo de Zwickau para tornar-se um músico profissional, Robert Schumann bateu à porta da casa marcada com o Grande Lírio. Uma carta de sua mãe Johanne Christiane pedia ao célebre professor que encaminhasse seu filho mais novo para a música – caso achasse que tinha talento e vocação suficientes – ou o dissuadisse de vez. Na segunda hipótese, ele voltaria à faculdade de Direito que havia abandonado (para frustração da mãe) em Heidelberg.

Wieck recebeu Schumann como aluno-residente, e este logo conquistou a afeição de todos os membros da família. Naquela casa onde a música, o dever e o temor a Deus eram observados em todas as horas do dia e da noite, o recém-chegado trouxe um novo sopro de vida. Antes de dormir, contava histórias, fazia charadas e encantava a menina Clara e seus dois irmãos menores. Quando chegou, Schumann tinha 19 anos.

Wieck, por sua vez, representava para o aluno muito mais que um simples tutor: era um misto de pai e super-homem, a quem este queria agradar e conquistar confiança. Entre os dois criou-se um vínculo que haveria de lhes dar bastante trabalho no futuro.⁵

No início, Clara e Schumann tinham aulas e praticavam diariamente. Mas, apesar do rápido progresso do rapaz, as habilidades da menina superavam em muito as suas. O encantamento de Wieck por sua pequena criação fez com que Schumann se sentisse menosprezado, tornando seus sentimentos confusos e contraditórios em relação ao mestre.

Quando Wieck partiu com Clara para a tão sonhada turnê a Paris, em 1831, Schumann sentiu-se terrivelmente abandonado. Em carta ao mestre, dizia:

*Você não pode acreditar como eu sinto a falta dela [Clara] e de ambos. Eu necessito estar sempre entre pessoas superiores a mim. Entre pessoas do meu nível, ou especialmente entre as que eu não permito que me julguem, eu facilmente me torno orgulhoso e cínico. [...] Cada dia em que eu não posso falar com você ou com Clara é uma lacuna na minha vida em Leipzig.*⁶

Naquele tempo, foram lançados alguns aparelhos para auxiliar na abertura e no alongamento entre os dedos. Em seu diário, Schumann menciona o uso do *Cigarrenmechanik* nos meses de ausência de Wieck e de Clara. Não se sabe ao certo se tal instrumento prejudicou sua mão direita a ponto de causar a crescente paralisia que o fez desistir da carreira de concertista.⁷ Mas é certo que os meses que passou longe do professor e da colega foram de angústias e incertezas.

Neste período, Schumann dedicou-se à criação musical. Desde julho de 1831 ele vinha tomando aulas de contraponto e composição com o diretor da Ópera de Leipzig, Heinrich Dorn. E quando Clara retorna da turnê com seu pai, o rapaz lhes apresenta suas *Papillons* Op. 2. Wieck se admira com a qualidade da composição de Robert Schumann, e passa a incluir peças do jovem músico no repertório da filha pianista. Com o passar do tempo e o problema da mão, Schumann passa a contar cada vez mais com Clara para apresentar e divulgar suas composições. A amizade dos dois intensifica-se a cada dia. Em carta, ele lhe confessa: “[...] Agora você é minha mão direita, e deve se cuidar para que nada lhe aconteça. Eu sempre penso nos momentos felizes que você me proporcionará através de sua arte.”⁸

Embora fosse alegre e sedutor, Robert Schumann tinha um temperamento peculiar: seus ânimos oscilavam constantemente da euforia ao mais profundo estado de depressão, muitas vezes sem motivo aparente. Ele mesmo temia por sua saúde mental e não gostava de ficar sozinho. Talvez por isso tivesse o costume de estabelecer relações muito intensas com as pessoas a quem se afeiçoava.

Uma dessas pessoas foi Ludwig Schunke, cuja amizade o motivou a fundar um novo periódico musical para comentar e criticar a nova música

que surgia. Por ser filho de livreiro, Schumann sempre teve muita intimidade com a literatura e a filosofia. A palavra escrita era para ele tão familiar quanto a música. E a *Neue Zeitschrift für Musik* (Nova Gazeta Musical) lhe oferecia uma oportunidade de expressar suas ideias e a de seus companheiros, reais e imaginários. O ano era 1834.

Em 1834 Schumann ocupou-se, basicamente, com o lançamento do Neue Zeitschrift für Musik, periódico progressista que se posicionava contrariamente aos pedagogos e admiradores de virtuosos da época, em uma tentativa de despertar o interesse pelo grande e glorioso passado, e de “apressar a aurora de uma nova era poética”. Como editor, ele reuniu todos os amigos que pensavam de maneira semelhante, sob nomes fictícios, em uma imaginária liga de novos Davids destinada a atacar os filisteus.⁹

A disputa por Clara

Em novembro de 1835, aconteceu o primeiro beijo. E a este, muitos se seguiram entre Clara e Robert sem que Wieck tomasse conhecimento. Quando as primeiras suspeitas surgiram, em 1836, o mestre tratou de retirar sua filha de Leipzig e levá-la para Dresden, onde permaneceria na casa de amigos da família. Nada deveria afastar sua grande artista da carreira que prosperava.

Subestimando a ira de Wieck, Robert visitou-a em Dresden enquanto seu pai viajava. Em seu retorno, o pai enraivecido programou uma nova turnê, na qual Clara viajaria sozinha e ficaria ausente até o mês de abril. E depois desta, Wieck ainda conseguiu que os namorados se mantivessem afastados por quase um ano e meio.¹⁰

Neste espaço de tempo, Clara colecionou triunfos e vitórias nos palcos por onde passou. Além da performance, suas composições renderam-lhe elogios. Suas *Bellini Variations* Op. 8, por exemplo, foram consideradas pelo famoso compositor italiano Gasparo Spontini a maior e mais bela peça de bravura que ele já tinha ouvido.